



<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2024.1.45786>

DOSSIÊ: ARRANJOS CONTEMPORÂNEOS DE CONVIVÊNCIA

Elas por elas: nexos de cultivo em redes femininas de afeto ou, uma singela homenagem

Ellas para ellas: nexos de cultivo em redes femininas de afeto o, un simple tributo

Them for them: nexus of cultivation in women's networks of affection or, a simple tribute

Andréa Lobo¹

orcid.org/0000-0001-7525-1953
andreaslobo@yahoo.com.br

Enviado em: 8 mar. 2024.

Aprovado em: 30 ago. 2024.

Publicado em: 28 nov 2024.

Resumo: O artigo pretende analisar os arranjos complexos e as solidariedades organizadas entre mulheres nas configurações de relações familiares marcadas pela centralidade feminina. Baseado em histórias familiares de mulheres, em diálogo com uma literatura já vasta sobre maternidades, "famílias de mulheres", matrifocalidade etc., argumenta-se que as redes articuladas entre mulheres não devem ser entendidas como estratégias face às pressões de uma dita "feminização da pobreza", mas fazem parte de um "nexo de cultivo" que congrega diversas camadas de cuidado e afeto. Tais práticas de cuidado que envolvem sobretudo crianças e idosos(as), incluem mulheres de diferentes gerações e estratos sociais que, participando em vários graus, compõem um emaranhado que as mantém ligadas umas às outras.

Palavras-chave: Etnografia. Gênero. Maternidades. Cabo Verde.

Abstract: The article aims to analyse the complex arrangements and solidarities organised between women in the shaping of family relationships marked by female centrality. Based on women's family histories in dialogue with a vast literature on maternity, "women's families", matrifocality, etc., it argues that the networks articulated between women should not be understood as strategies against the pressures of a so-called "feminisation of poverty" but are part of a "nexus of cultivation" that brings together various layers of care and affection. These care practices, which mainly involve children and the elderly, involve women from different generations and social backgrounds who, participating to various degrees, make up a tangle that keeps them connected to each other.

Keywords: Ethnography. Gender. Maternity. Cape Verde.

Resumen: El artículo pretende analizar los complejos arreglos y solidaridades organizados entre mujeres en configuraciones de relaciones familiares marcadas por la centralidad femenina. A partir de historias familiares de mujeres en diálogo con una vasta literatura sobre maternidad, «familias de mujeres», matrifocalidad, etc., se argumenta que las redes articuladas entre mujeres no deben entenderse como estrategias contra las presiones de una supuesta «feminización de la pobreza», sino que forman parte de un «nexo de cultivo» que aglutina diversas capas de cuidados y afectos. Estas prácticas de cuidado, que afectan principalmente a niños y ancianos, involucran a mujeres de diferentes generaciones y estratos sociales que, participando en diversos grados, conforman un enredo que las mantiene conectadas entre sí.

Palabras clave: Etnografía. Género. Maternidades. Cabo Verde.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

No presente artigo busco analisar os arranjos complexos e as solidariedades organizadas entre mulheres nas configurações de relações familiares marcadas pela centralidade feminina. Meu interesse é colocar em relevo as estratégias, as redes e os afetos que são evidentes e centrais para "os de dentro", mas invisibilizadas por olhares externos. Tendo as mulheres como seu centro difusor, tais redes conjugam as dinâmicas familiares, as mobilidades, as circulações de recursos, pessoas, conflitos e poder.

A análise tem como base um material etnográfico fruto de anos de estudos sobre dinâmicas familiares em Cabo Verde. Minhas pesquisas conjugam as experiências subjetivas dos agentes nas dinâmicas de "fazer família" – ou seja, suas crenças, normas, valores e opiniões que dão conta das lógicas que governam suas práticas cotidianas – com os processos sociopolíticos permeados por perspectivas normativas que, com frequência, lançam olhares negativos e associados a caracterizações de instabilidade, falta de autonomia e ilegitimidade como definidoras de configurações familiares que são matricentradas.

Minhas interlocutoras são mulheres caboverdianas, mães, avós, tias, irmãs, parentes e/ou amigas que conformam o que denomino aqui de nexos de cultivos, ou seja, redes de afeto e cuidado mútuo, seja entre si seja para com os(as) familiares a quem se dedicam a cuidar. Colocando em diálogo as histórias familiares destas mulheres com uma literatura já vasta sobre maternidades, "famílias de mulheres", matrifocalidade etc., argumento que as redes articuladas entre mulheres não devem ser entendidas como estratégias face às pressões de uma dita "feminização da pobreza" (Macedo 2008), mas fazem parte de nexos de cultivo que estruturam e congregam diversas camadas de cuidado e afeto. Tais práticas, que envolvem sobretudo crianças e idosos(as), abrangem mulheres de diferentes

gerações e estratos sociais que, participando em vários graus, compõem um emaranhado que as mantém ligadas umas às outras.

O artigo está organizado da seguinte forma: recupero brevemente o debate sobre matrifocalidade e maternidades, focando nas teorias sobre famílias negras e de classes populares. Esse é um recorte privilegiado para tratar de meu lugar de pesquisa, um país insular localizado na Costa Ocidental africana, cuja sociedade foi construída a partir do processo de colonização portuguesa.² Na sequência, apresentarei as histórias de Jeane, Valda e Celina. Convivo com elas e suas famílias há cerca de 20 anos. Contar as dinâmicas familiares delas me permitirá colocar em perspectiva tanto as visões teóricas quanto os enquadramentos estatais (e de organismos internacionais) que tendem a definir suas famílias pela "falta", "desestrutura" ou "incompletude". Finalmente, argumento por uma perspectiva que desloca nossa atenção para os nexos de cultivo construídos entre elas, e não delas para com os outros (pais, filhos, parentes, maridos etc.), levando a sério a ideia de que gênero não se limita ao sexo ou à relação dual entre os sexos.

Meu objetivo primordial neste artigo é apresentar a noção de nexos de cultivo para dar conta do potencial dos vínculos e das relações entre estas mulheres, não apenas como tramas de cuidado mútuo e de autocuidado. Ao formular essa noção, quero salientar como tais nexos formam e desenvolvem o feminino em conexão, sendo fundamentais para a construção de seus lugares no mundo como pessoas – a partir das relações entre elas e delas por elas.

Famílias de mulheres, qual o problema?

Os debates sobre contextos familiares definidos pela centralidade da mulher e dos laços mães-filho(as) acompanham o desenrolar dos estudos sobre parentesco e dinâmicas familia-

² Cabo Verde é um arquipélago vulcânico, localizado a setecentos quilômetros da costa do Senegal. Composto por nove ilhas habitadas com cerca de 545.000 habitantes e uma diáspora estimada em quase um milhão e meio de pessoas, o país tem sua história marcada por diversos fluxos migratórios que impactam profundamente suas configurações familiares. Sua localização geográfica – na encruzilhada das rotas marítimas entre a Europa, a África e as Américas – foi fundamental para as formações sociais que ali se organizaram, já que as ilhas tiveram um papel estratégico no comércio atlântico de escravos. A sociedade resultante é fortemente estruturada em bases desiguais e violentas, com divisões entre senhores e escravos, brancos e negros.

res desde meados do século 20. Tais estudos entrelaçam marcadores sociais de dominação³ fundamentais para a compreensão das ditas "famílias de mulheres", "famílias pobres" e/ou "famílias negras", quais sejam, gênero, classe, raça e geração. Com recortes diferenciados, temos desde a conceituação sobre as famílias matrifocais (Smith 1996) até as mais recentes teorizações sobre maternidades (Rodrigues 2007; Martins e Fortes 2011; Semley 2010; Lobo 2014; Cruz 2015; Oyèwùmí 2015).

Marcelin (1996), em sua tese sobre famílias negras no Recôncavo baiano, nos fornece uma análise fina sobre os desenvolvimentos das teorias que incidem sobre o tema. O autor buscou se contrapor às visões das famílias negras na diáspora americana e caribenha como desestruturadas ou anômicas que informavam as formulações relativas à matrifocalidade e seu contraponto, a "família patriarcal" – enquanto modelo central em formações sociais como a brasileira. Ao retomar autores que vocalizaram as críticas aos clássicos da primeira metade do século 20 (Leach 1974; Needham 1971; Schneider 1972), Marcelin avança ao refletir sobre os efeitos dessas teorias nas sociedades pós-coloniais e seus estudiosos, que teriam se debruçado sobre tais realidades a partir da máxima que combinava uma ideologia patriarcal em sistemas matricentros. Tais pesquisadores (Willems 1954; Hutchinson 1955; Cândido 1987; Smith 1996; Kunstadter 1968) teriam assumido um modelo familiar como ponto de partida em torno do qual foram construídos os discursos sobre a família das classes populares até os anos 1970, sobretudo das famílias afro-americanas.

Nesses contextos, tal família (no singular) se caracterizaria pela desorganização, instabilidade conjugal, poucos casamentos formais, ausência masculina do universo doméstico, paternidade serial para as mulheres e forte laço mãe-filho(a). Diversos problemas emergem aqui. Primeiro, temos a alterização contínua das práticas familiares, que estariam distantes de uma suposta norma

postulada por um ideal de sociedade: a célula familiar nuclear. Nesse sentido, todos que se distanciam do ideal se afastam da norma patriarcal e conjugal vigente nas classes dominantes, o que faz desses conglomerados potenciais "problemas sociais". Além disso, há uma redução da vida das pessoas em meios populares a seres carentes e das suas vidas familiares a simples consequências dos sistemas socioeconômicos em curso, como se estes fossem incapazes de habitar simbolicamente o mundo (Marcelin 1996, 11). Finalmente, o que se produz a partir dessas teorias é um discurso de anomia que legitimaria a reprodução dos mesmos postulados de norma e desordem que ancoram as hierarquias raciais e de classe nas sociedades dominantes locais – os tais modelos hegemônicos – patriarcal no passado, nuclear no presente.

Alguns são os desdobramentos que advém da força da noção de matrifocalidade, que surgiu nos Estados Unidos para explicar as famílias afro-americanas e encontrou solo fértil como teoria explicativa das sociedades caribenhas. Na literatura sobre as "famílias de mulheres" são interessantes as elaborações que optam por "jogar fora a água suja e preservar o bebê". Ou seja, a noção de matrifocalidade tem sido tanto reproduzida quanto criticada por estudos que articulam dinâmicas familiares, raça, classe e gênero (Monagan 1985; Woortman 1987; Marcelin 1996; Woortman e Woortman 2004; Hita 2005; Collins 2005; Macedo 2008; Scott 2011; Lobo 2014; Fortes 2015; Balduino 2015; Barrow 2019). Em linhas gerais, os(as) autores(as) buscam se distanciar do que Marcelin denomina de "tentativa de reduzir a vida familiar a uma simples consequência dos sistemas socioeconômicos em curso" (Marcelin 1996, 134) seja nas famílias negras, operárias, pobres e/ou rurais. Essa redução produzida pelo conceito, tal como formulado para sociedades caribenhas (e depois estendido), situaria indivíduos carentes em um mundo simbólico miserável no qual toda prática cultural não seria senão o efeito dos modelos dominantes (Marcelin 1996).

³ Vinicius Venancio (2024, 18) opta por utilizar "marcadores sociais de dominação" no lugar de "marcadores sociais da diferença" para pensar elementos estruturantes da sociedade que produzem relações hierárquicas e marcadas por diferentes violências.

É nesse sentido que Maria Gabriela Hita (2005) propõe a noção de matriarcalidade enquanto forma particular de manifestação de matrifocalidade. O que a autora encontra em sua etnografia é um conjunto de relações centradas na figura da mãe, em que a mulher-mãe-avó é o centro das interações de sua rede consanguínea e exerce o poder sobre a casa e a família. Enquanto centro difusor, é a partir dela que se multiplicam as relações entre os membros da sua rede de parentesco, entre casas e localidades (Hita 2005, 66). Paula Balduino (2015) também nos fala das mulheres como feixes de relações em seu estudo sobre sociedades afropacíficas.⁴ Ao elaborar a noção de matronas,⁵ a autora narra suas experiências de opressão e violência em relações sexual-afetivas, mas também aborda como as matronas situam vivências ligadas à família como fonte de empoderamento. Outras autoras, a partir de distintos cenários etnográficos, vão também oferecer análises sobre o papel primordial desempenhado por mulheres-mães e dos laços mães-filhos(as) que se configuram como nós a partir dos quais as relações entre pessoas, casas e localidades se constroem tanto de forma centrípeta quanto centrífuga – partindo do doméstico e se irradiando pela comunidade, e vice-versa.⁶

A maternidade é um ponto central em toda essa discussão, nomeadamente formas de maternidade que teriam o potencial de se configurar como uma "estatística problema", como nos lembra Marcia Macedo (2008). Em sua crítica aos estereótipos associados à classificação "mulheres chefes de família", a autora afirma que essa mulher se torna um problema social porque sua condição é percebida como um contraponto ao modelo de chefia masculino, ainda assentado no referencial de unidade nuclear composta pelo casal heterossexual, casado e com filhos.

Acontece que, como continua Macedo (2008, 8), tais unidades estão longe de ser uma exceção ou novidade, uma vez que são parte constitutiva de complexas redes de configurações históricas e modernas.

A literatura contemporânea sobre maternidades tende a perceber os sistemas familiares como processos ao buscar superar um mal-estar recorrente que perpassava os estudos anteriores, qual seja, a imagem estática da unidade residencial, a confusão entre sistema familiar e unidade doméstica e a ambiguidade relacionada ao poder doméstico, feminino e masculino (Fonseca 2000, 61). Indo além, ao reconhecer que os debates até meados do século 20 não davam conta das complexas facetas que compõem as maternidades, a produção posterior, sobretudo a partir dos anos 2000, busca expor, a partir da interseccionalidade, as diferenças das mulheres em termos de raça, classe, sexualidade e *status* de cidadania.

Tal como afirma Collins (2019), somar as perspectivas de mulheres negras (e indígenas e de classes populares) aos sentidos dados ao "ser mãe" nos permite perceber a instituição da maternidade como uma série de relações constantemente renegociadas. Além disso, nos possibilita abordar todo um universo de tensões oriundas de percepções externas sobre maternidades que "fugiriam à norma" ou a um ideal de "boa mãe" que impõe imagens de controle que perpassam as relações com o estado, com a sociedade e que acabam por constituir as próprias imagens de si mesmas dessas mulheres.

Minhas reflexões neste artigo pretendem se somar a essas perspectivas que não tomam como dado uma família nuclear na qual a mulher é a metade subordinada de um casal e que mapeia como privado o mundo da mulher em contraste

⁴ A autora realiza etnografia no Pacífico colombo-equatoriano: Tumaco e Francisco Pizarro (Salahonda), na Colômbia; San Lorenzo, no Equador.

⁵ Nas palavras de Paula Balduino (2015; 170): "A matronagem agrega algumas ideias-valores centrais no mundo Afropacífico: a construção da liderança a partir de posições como as da parteira, rezadeira, conselheira, dentre outras; o lugar do sagrado nessa liderança; a fluidez das águas (e o rio como território); a família como coletividade, como rede e organização; a centralidade feminina na gestão econômica".

⁶ Alguns exemplos são os trabalhos de Andréa Lobo (2010; 2014), Maria Ivone Monteiro (2013), Celeste Fortes (2015) e André Justino (2022) para o caso de Cabo Verde; o casal Woortmann em seus estudos sobre famílias de mulheres (1987; 2004); Claudia Fonseca para famílias classes populares em Porto Alegre (2000; 2002); Marcia Macedo (2008); e a coletânea organizada por Evelyn Glenn, Grace Chang e Linda R. Forcey sobre *mothering* (1994).

com o mundo público do homem, uma maternidade que estaria "naturalmente" subjugada ao *status* conjugal (Oyèwùmí 2000). Não partilho do pressuposto de hegemonia dessa forma familiar que classifica as maternidades que dela se distanciam por marcadores negativos (disfuncionais, desestruturadas, e problemas sociais) ou por suas ausências (do homem-pai, do trabalho, de estabilidade) ou por adjetivações que supõe uma norma (alternativas, étnicas, pobres, pretas).

Cientistas sociais africanas têm se somado a esse debate. Suas perspectivas críticas, sobretudo às produções euro-estado-unidenses, não só enriquecem a discussão como desestabilizam algumas classificações de gênero e formas familiares que acabam por sustentar noções como, por exemplo, a de "mãe solteira", um paradoxo que, se percebido a partir de um olhar interno (de sociedades africanas), pode não fazer sentido algum. Como afirma Oyèwùmí (2000, 5), desde uma perspectiva nigeriana, "a maternidade é definida como uma relação de descendência, não como uma relação sexual com um homem".⁷

Para o caso de muitas sociedades da África Ocidental, como Cabo Verde, são as relações de filiação (de sangue ou não) que constituem o núcleo da família. Etnografias clássicas do parentesco nos fornecem inúmeros exemplos de sistemas familiares em que o parentesco é forjado principalmente na base das relações de nascimento e não em laços matrimoniais. Ao retomar e elaborar sobre tais elementos, Oyèwùmí (2000, 2015) afirma que não é de se surpreender que a mais importante e duradoura identidade e nome que as mulheres africanas reivindicam para si é a de "mãe". E vai além, "no entanto a maternidade não é construída em conjunto com a paternidade. A ideia de que as mães são poderosas é muito

mais uma característica definidora da instituição e de seu lugar na sociedade" (Oyèwùmí 2000, 1096).

Ainda, e a partir de outros contextos de investigação, Sahlins (2013) e Carsten (2014) propõem um deslocamento das questões sobre os universos de parentesco que me inspiram aqui. Os autores argumentam que no lugar de perguntar o que ele é, deveríamos nos preocupar com o que ele faz. Na minha perspectiva, a literatura aqui citada partilha deste deslocamento e tem contribuído para compreendermos o que as relações familiares fazem no mundo, sobretudo aquelas em que as mulheres estão no centro de configurações de casas que constroem laços e redes. Dessa forma, temos tido acesso à multiplicidade das experiências de maternidade que questionam qualquer representação monolítica das mães que encontramos em nossos trânsitos cotidianos entre culturas.

Mas, o que podemos acrescentar sobre as relações de cuidados entre as mulheres que constituem tais redes? Sobre os processos de construção de cuidado mútuo, das configurações de laços de apoio e ajuda e das conformações de afetos entre elas? Tal como demonstrarei no próximo item, as redes de mulheres que conferem cuidado às crianças, mais velhos e demais familiares também são práticas e experiências de cuidado, afeto e desenvolvimento de si que são de fundamental importância para a criação de "nexos de cultivo" de mulheres para mulheres.⁸ Trata-se de redes de estímulo que configuram diversas camadas de cuidado que incluem mães, avós, familiares, vizinhas, escolas e creches nas quais as mulheres participam em diversos graus tanto no cultivo dos outros como de si mesmas. Convido o(a) leitor(a) para uma mirada mais cuidadosa a esses nexos femininos. Meu convite é

⁷ Oyèwùmí (2000;2015) é assertiva em sua reflexão sobre como a associação entre maternidade e conjugalidade, característica do modelo de família nuclear, deve ser percebida como uma forma culturalmente específica cujas características raciais e de classe são essenciais para a compreensão da configuração de gênero que a abriga. Sendo assim, não pode e não deve ser encarado como um modelo hegemônico que baliza outras formas sociais e familiares que derivam de bases conceituais diferentes.

⁸ Minha concepção de cuidado advém de Debert e Hirata (2016, 7) quando definem "cuidado [como] um termo utilizado para descrever processos, relações e sentimentos entre pessoas que cuidam umas das outras, como também de seres vivos e até mesmo de objetos, cobrindo várias dimensões da vida social". Tal conceito possui, ainda, "uma natureza multidimensional e transversal, e conota um amplo campo de ações envolvendo desde o estado e as políticas públicas voltadas para o segmento da população tido como dependente" e "até um conjunto de práticas, atitudes e valores relacionados com o afeto, o amor e a compaixão envolvidos nas relações intersubjetivas". De forma complementar às autoras, entendo que o cuidado também implica em desigualdades, hierarquias, jogos de poder que compõem as realidades sociais.

o de lançar um outro olhar sobre tais experiências de centralidade feminina, não um olhar que parte das ausências – do homem, de recursos econômicos etc. – nem o que lança luz sobre os cuidados delas para com os outros, mas o da complementaridade entre as mulheres, das relações entre elas, dos afetos entre si e de seu potencial de formar pessoas/mulheres plenas.

Entre mulheres ou conformando nexos de cultivo

A seguir, apresento algumas dimensões das histórias de vida e familiares de três mulheres com as quais convivo há mais de duas décadas. A continuidade de nossas relações me permite lançar mão de uma abordagem que parte das experiências subjetivas dos sujeitos e da vida familiar como um processo que se constrói a partir dos lugares sociais e das hierarquias sócio-étnico-raciais nas quais essas agentes estão localizadas.⁹ Como já manifestado, não é meu objetivo aqui explorar suas redes a partir das relações de filiação ou de conjugalidades¹⁰ mas dirigir nossa atenção para as práticas diversas que moldam essas redes femininas e o lugar que tais laços de cooperação, cumplicidade, afeto e conflitos ocupam em suas vidas.

Jeane é uma mulher de 42 anos, tem uma filha e morava até pouco tempo na cidade da Praia. Filha de pai emigrado, quando criança, vivia com a mãe, a avó materna e duas tias, uma delas irmã da mãe e a outra, uma parente distante que havia sido criada pela avó. Em idade escolar, Jeane saiu de sua pequena vila e foi para uma localidade mais central para estudar. Lá, ficou sob os cuidados de sua avó paterna, sendo cuidada por esta e já assumindo os cuidados com as outras crianças da casa. Mudar-se para tal localidade não implicou na perda de vínculos com a casa

materna, as idas e vindas eram constantes e fluidas. Ao crescer mais um pouco, a moça seguiu para outra ilha, para estudar na capital do país. Lá voltou a viver com uma parente materna, prima de sua mãe. Nessa casa, habitou por alguns anos, tendo assumido papel central na vida doméstica. Sua "tia" era vendedeira, um trabalho marcado por alta mobilidade, tendo Jeane assumido os cuidados com a casa e os mais jovens que lá viviam. Jeane conseguiu terminar seus estudos e seguiu para o curso superior em Portugal. Com as dificuldades financeiras, a oportunidade de estudo foi viabilizada por esse conjunto de mulheres que fizeram Jeane crescer (expressão dela) e suas redes mais amplas com outras mulheres que estavam emigradas, incluindo suas tias paternas que vivem em Portugal. Hoje, Jeane está de volta à Cabo Verde, viveu na Cidade da Praia (capital do país) por alguns anos, mas recentemente (2021) estabeleceu residência na sua ilha de origem, Boa Vista.

Na Praia não estava sozinha, tenho minhas tias, amigas e também as irmãs dele (o pai da criança) com quem eu posso contar, mas todo mundo tem sua vida também! Na Boa Vista minha mãe já é senhora grande, tem tempo para uma criança, e tem também minhas sobrinhas. Assim eu cuido da minha mãe, que já está grande e precisa de meu apoio. E, ainda, não fico *sentada* na Boa Vista, pois por causa de minha empresa preciso vir sempre à Praia. Aí venho com mais sossego, porque sei que lá minha filha tem tudo o que precisa. (Jeane, 2023, Cidade da Praia).

Valda é uma mulher de 52 anos, vive na França. Emigrou quando tinha 21 anos, deixando em Cabo Verde duas filhas. Recorrendo à memória familiar, a viagem de Valda foi marcada por algumas versões. De acordo com sua irmã, Laura, os papéis (documentos enviados por uma vizinha que era "como uma mãe") eram para ela. Mas Valda,

⁹ Minha convivência com essas mulheres teve início por ocasião de minhas primeiras pesquisas em Cabo Verde (2001; 2014), ou seja, no final dos anos 1990. Por ocasião de minha pesquisa doutoral, sobre dinâmicas familiares em contextos de emigração feminina, realizei entrevistas e, sobretudo, frequentei, observei e fiz parte dos cotidianos de suas casas e relações. Participar, observar e conversar com essas pessoas foram as formas privilegiadas que acionei para a confecção de meus dados de pesquisa. Entretanto, fomos além, nos tornamos amigas(os), sendo elas e seus familiares as minhas referências de amizade e família em Cabo Verde. Após mais de 20 anos de amizade, é difícil falar em produção de dados, o que produzimos juntas é o vivenciar as vidas umas das outras, das novas gerações, das pessoas que se foram e das que chegaram. Elas tanto participam ativamente de meus escritos, *insights* e reflexões quanto da minha vida pessoal. Eu tanto participo das vidas delas quanto elas da minha. Finalmente, cabe esclarecer que os dados de suas vidas aqui apresentados foram por elas autorizados e com elas previamente partilhados.

¹⁰ Abordei este tema em outras publicações, ver: Lobo (2010; 2013; 2014; 2017; 2021); Lobo e Miguel (2020); e Lobo e Venâncio (2017).

alegando ser mais velha e ter duas filhas para criar, tomou seu lugar. Valda, por sua vez, conta que foi difícil sair, pois como tinha duas crianças e uma mãe já idosa, precisava de apoio, pois não podia levar as filhas com ela. Como Laura queria "sair", Valda não conseguiu seu apoio imediato.

Ela dificultou as coisas, passamos muitos anos distantes por causa disso. Então, logo no início, uma das meninas ficou com a mãe dele (o pai) e a outra com minha mãe, mas quem cuidou dela mesmo foi Mamã Tinda, mãe de todas nós aqui na zona (vizinhança). Depois Laura amansou e sempre apoiou as meninas, a verdade é que eu pude sair por causa de todas essas mulheres, inclusive de Laura, que ficou com raiva de mim, mas de minhas filhas sempre cuidou. Depois mandei buscar o filho de Laura para a França, ficou comigo até conseguir se firmar. Aliás, mandei buscar muita gente aqui da zona, as netas de Mamã Tinda, minhas sobrinhas. E assim a gente foi se ajudando, nós mulheres, né? Porque com eles, podemos contar pouco. São raros os que ajudam. (Valda, 2018, férias em Cabo Verde).

Linda, a filha mais nova de Valda, diz ter memórias felizes da infância, ainda que a mãe tenha emigrado quando ela ainda era muito pequena. Mamã Tinda é sua referência de afeto na primeira infância, mas foi com Laura, sua tia, que ela afirma ter dividido a vida, ajudando e sendo ajudada por ela. Responder à pergunta "onde é sua casa" lhe parece difícil, pois afirma que todas essas casas, da sua avó materna, de Mamã Tinda e de Laura, são igualmente suas, pois elas "sempre estiveram lá". Linda, hoje, tem uma filha e as duas vivem na casa que era de sua avó materna, já falecida. A casa segue sendo o centro das sociabilidades, sendo Laura e Linda como as forças centripetas das relações familiares e de vizinhança.

Celina é uma mulher de 47 anos, empregada doméstica, moradora de um bairro considerado periférico da capital do país. Celina vive em uma casa de dois andares que ainda segue em construção. Lá vivem ela, sua mãe, duas irmãs, seu companheiro, três filhos e uma "prima". Como extensão de sua casa, está a de uma de suas filhas, que vive com seu companheiro e duas crianças, netas de Celina. As duas casas são separadas por um quintal compartilhado pelas mulheres nos

afazeres domésticos. Celina trabalha há cerca de 15 anos em uma mesma casa, onde sua patroa, a quem chama de *mamã*, teve os dois filhos criados "com a ajuda de" Celina, sendo também a madrinha de dois de seus filhos. Por sua vez, a filha da patroa de Celina é madrinha do pequeno Henry, neto da empregada, sendo ele cuidado por todas essas mulheres.

Optei por expor elementos das vidas de Jeane, Valda e Celina por algumas razões. A primeira delas já está dita, acompanho suas trajetórias familiares e componho suas redes há muitos anos, o que me permite perceber a força das presenças de outras mulheres na construção de suas trajetórias individuais e familiares. Em segundo lugar, suas histórias nos permitem observar a centralidade dos laços entre mulheres em uma diversidade de percursos, classes sociais e arranjos familiares. Um terceiro elemento que salta de suas vidas é o caráter recíproco e processual dessas redes, que são tanto horizontais quanto verticais, se observamos as relações entre gerações de mulheres que ora dão ora recebem cuidado em nexos que se retroalimentam. Cabe salientar que reciprocidade não implica a ausência de conflitos, desigualdades e diferenças nas relações entre elas. Como bem nos lembra Carsten (2014), o universo das relações familiares implica também em coerções, qualidades ambivalentes e/ou negativas. Por fim, é nas relações entre essas mulheres que laços familiares são adensados, produzidos e desfeitos por meio do que elas fazem circular – pessoas, recursos, alimentos, trabalhos, mobilidades, parentesco.

Quando conversei com Jeane sobre a ideia deste artigo, ela me incentivou a avançar na escrita, pois, em sua perspectiva, sem as mulheres que compõem sua vida ela não teria "se desenvolvido como mulher". Um dos aspectos para os quais Jeane me chamou atenção foi para a profundidade histórica dessas redes, contadas por suas avós, mães, tias e, agora, vivenciadas por ela e por sua pequena filha. Ao acionar as memórias familiares, Jeane foi me desfiando um longo e emaranhado novelo de histórias das mulheres da família que, graças ao suporte mútuo, tiveram condições de

trabalho, de estudo, de mobilidade social e geográfica (migração nacional e internacional), de superação de dificuldades. Dois pontos parecem ser essenciais nessas memórias, o suporte das redes femininas para as jovens mães e para as avós idosas.

Na verdade, não se trata de dois pontos, mas de elos de uma cadeia que se conectam por um elemento: a maternidade. Em um artigo publicado há alguns anos (Lobo 2010) eu apontava para um argumento que permeia meu trabalho sobre dinâmicas familiares em Cabo Verde, o de que a maternidade ali é um processo que se inicia ao dar à luz a uma criança e só se encerra quando esta mesma mulher se torna avó. Se há um dado "da natureza" que inaugura esse processo, a reprodução, ele nem é suficiente nem necessário para que mulheres se tornem mães e avós, pois, ao adentrar em redes de apoio mútuo, muitas mulheres se constituem enquanto mães e avós nas comunidades.¹¹

Mamã Tinda, presente na vida de Valda, Laura e tantas outras mulheres que vivem naquela localidade, é um bom exemplo do que estou chamando atenção. Tive a sorte de estar em Cabo Verde quando Mamã Tinda fez 90 anos. No lugar de "mãe de todos" não preciso gastar muita tinta para que se possa imaginar o tamanho da festa. Ela não foi realizada na data de seu aniversário, mas em um mês de agosto (verão em Cabo Verde), pois muitos(as) eram seus(suas) filhos(as), netos(as) e bisnetos(as) que viviam "no estrangeiro" e que foram esperados para o grande festejo. Para mim, esse sempre foi um dos casos em que foi impossível definir as fronteiras do biológico, tanto impossível quanto desnecessário, pois todos(os) eram seus(suas) filhos(as). O que fez de Mamã Tinda essa grande mulher, mãe de todos(as), não foi o número de

filhos biológicos que teve, foi a força da rede de cuidado que ela teceu ao apoiar e ser apoiada por mulheres-mães de sua comunidade. Daí vem seu poder como matriarca.

Afora o caráter histórico das reciprocidades entre mulheres, é importante observar suas extensões geográficas. Para o caso de Cabo Verde, esse é um fator central visto que estamos em um contexto em que as migrações constituem condição estruturante da conformação e da reprodução social. O aspecto mobilidade aparece nas histórias de Jeane e Valda de maneira explícita. Em ambos os casos, os movimentos locais, nacionais ou internacionais foram viabilizados pelas redes de mulheres acionadas seja para receber pessoas (Jeane ou as filhas de Valda), seja para permitir as circulações – para estudo, para trabalho ou para a emigração.

Contrariamente à Parreñas (2005), que argumenta que redes de apoio precisam ser acionadas para os cuidados com os filhos de mães emigradas, filhos estes que se ressentem da ausência da mãe biológica, defendo que tais redes de apoio mútuo não são resultado de uma conjuntura na qual a mobilidade migratória feminina teria dado as condições para que formas específicas de reciprocidade entre mulheres fossem organizadas. Ao contrário, argumento que é graças a essa prática dinâmica de suporte mútuo entre mulheres, conformando nexos de cultivo profundos, que elas têm a possibilidade de se tornar parte das mobilidades migratórias globais.¹²

Finalmente, é a partir da trajetória de Celina que podemos atentar para o caráter vertical dessas redes, que perpassam relações de trabalho interseccionadas por laços de compadrio, afetos e reciprocidade entre mulheres de diversas gerações e estratos sociais e que se reconfiguram pelo idioma do parentesco e das maternidades

¹¹ Devo pontuar que, diferentemente de parte das autoras sobre o tema, eu insisto no conceito de maternidade para dar conta das relações de cuidado que vão para além dos vínculos biológicos. Sendo assim, não incorporo a noção de maternagem (como tradução de *mothering*) tal como proposta por Nancy Chodorow (1978), em seu clássico trabalho *The reproduction of mothering* e tal como teorizada por Michele Walks (2011). No campo da teoria feminista, o conceito de *mothering* (maternagem) tem sido utilizado como alternativa ao de *motherhood* (maternidade), percebido como mais estanque e menos fluido. Para o meu campo de estudos, com inserção na costa ocidental africana, entendo que o conceito êmico de maternidade dá conta, em sua plenitude, da fluidez e complexidade do que é ser mãe, sendo a maternidade entendida muito para além de um laço biológico, mas como um ponto de partida, uma instituição que cria nexos de cultivo.

¹² Outras autoras seguem essa mesma linha: Ehrenreich e Hochschild 2002; Schmalzbauer 2004; Leinaweaver 2010; Bledsoe e Sow 2011; Chamberlain 2013; Bloch 2017.

partilhadas. Não é meu intuito aqui romantizar as complexas dinâmicas do trabalho doméstico em uma sociedade marcada por heranças coloniais e escravocratas que se configuram modernamente pelas gramáticas do racismo e outras formas de desigualdades, inclusive em sociedades de maioria negra, como é Cabo Verde (Venancio 2024). No entanto, é importante observar que as dinâmicas de cuidado e a centralidade das redes femininas não estão circunscritas às mulheres de classes populares, sendo vivenciadas por mulheres de diferentes classes sociais, e entre elas.

Cabe ainda colocar em relevo mais um aspecto da trajetória familiar dessas três mulheres: sua vida conjugal. Ao contrário do que afirmam as imagens de controle (Collins 2019), que baseiam as políticas familiares em Cabo Verde (e parte da bibliografia sobre matrifocalidade aqui mencionada), há uma associação direta entre famílias de mulheres, pobreza, "maternidades solo" e noções de "família disfuncional". A ausência do marido-pai seria o fator definidor dessas relações (Lobo e Venancio 2024). As experiências conjugais de Celina, Laura (irmã de Valda), Mamã Tinda e outras mulheres que compõem essas redes demonstram que sua força não nasce das ausências – de recursos financeiros, do marido-pai ou da presença física – mas de complexas solidariedades organizadas a longo prazo que perpassam as relações familiares entre casas, comunidades, ilhas e países. Dito de outra forma, tais laços não são acionados simplesmente quando as rupturas nos cuidados são provocadas pela pobreza, pela ausência masculina, pelas emigrações ou por outras pressões oriundas de um sistema opressor em diferentes camadas de dominação. Ao invés disso, os laços de reciprocidade entre mulheres fazem parte de nexos de cultivo que são configurados por várias esferas de cuidados, inclusive interclasses, e que "re-produzem" relações.

Nexos de cultivo e a força do feminino: considerações finais

A noção de nexo de cultivo que apresento aqui tem inspiração na etnografia de Bloch (2017) sobre "outras maternidades" em Moldova.¹³ Ao tratar de mulheres mães que emigram de Istambul deixando seus filhos com "outras mães", a autora reflete sobre o duplo caráter do ser mãe, ou seja, das práticas de maternidade de outras mães para além da mãe biológica, mas também das "outras" ou "diferentes" formas de ser mãe (biológica), incluindo prover suporte material e emocional a distância (Bloch 2017, 167).

Me aproximando dessa interessante reflexão, penso que as maternidades múltiplas acontecem graças aos nexos de cultivo entre mulheres que reproduzem tanto formas de cuidado que são históricas quanto aquelas que contemporaneamente respondem aos constrangimentos, desigualdades e às relações de poder que estruturam as formas contemporâneas de fazer família. Proponho, portanto, pensar como os nexos de cultivo ancorados em práticas de maternidades múltiplas configuram também as relações entre mulheres abrindo a perspectiva não só para diferentes formas de ser mãe – no sentido de incorporar outras mulheres – mas outras formas de ser mãe no exercício próprio da maternidade. Ou seja, ser mulher-mãe não se reduz a um ideal essencializado de um laço que conecta uma única mulher e sua prole. Mulheres que compõem nexos de cultivo tal como os aqui elencados experimentam múltiplas formas de ser mãe, de ser mulher, de ser pessoa no mundo. Formas que transformam tanto aqueles que são cuidados quanto aquelas que cuidam e que, juntas, se cuidam mutuamente.

Collins (2019) argumenta que percepções externas sobre as famílias e maternidades negras produzem imagens de controle e um conjunto de tensões pelo fato de não levarem em conta o ponto de vista delas. A autora elenca alguns aspectos relevantes sobre as comunidades afro-estadunidenses que, se levados em

¹³ A autora usa a noção de "transnational nurturing nexus, or the complex ways that families and households were providing for children by combining historical caregiving practices with investment in transnational circuits of mobility" (Bloch 2017, 165).

consideração, questionam um ideal monolítico e supostamente hegemônico do que seria uma “boa mãe” ou de uma “família ideal”: (1) em muitas comunidades afro-estadunidenses, limites fluidos e em constante transformação distinguem as mães biológicas das mulheres que cuidam das crianças. Sendo assim, a suposição de que são as mães biológicas que têm a responsabilidade de cuidar de suas crianças é contrastada com a percepção de que atribuir a uma única pessoa tal responsabilidade, nem sempre é uma opção ou uma escolha; (2) a centralidade da mulher tem menos a ver com a falta de maridos e pais do que pela relevância das mulheres. Assim como já salientado ao longo deste texto, ainda que o homem possa estar presente fisicamente ou tenham papéis bem definidos dentro da família extensa, a unidade de parentesco gira em torno da mulher, por meio das redes de cuidado, da reciprocidade feminina e do parentesco por consideração que essa rede constrói; (3) o “cuidado comunitário” das crianças envolve não só a socialização delas, mas também a socialização de mulheres jovens e adultas que constroem uma autossuficiência econômica e maternal. Nessa visão o trabalho remunerado e a maternidade não são opostos, sendo o trabalho uma dimensão importante e valorizada do “ser mãe”.

Os aspectos trazidos pela autora sintetizam bem meu argumento para o caso de Cabo Verde. O que estamos enfatizando é que ao privilegiar os nexos de cultivo entre mulheres damos relevo à complexidade dos arranjos familiares e comunitários por elas coordenados. Quando pesquisadoras se dispõem a abordar a temática da centralidade feminina a partir dos idiomas locais do que significa um filho, dos valores culturais da maternidade, da conjugalidades e das redes de apoio mútuo, compreendemos que tais práticas não são um traço a apagar ou um problema a sanar. Elas são sistemas de relações sociais que conformam sociedades e, enquanto nexos de cultivo, produzem pessoas plenas no mundo.

Quando trabalhava na escrita deste artigo fui

atravessada pela notícia da partida de uma grande mulher caboverdiana, minha querida Tia Vivina. Em 1999, quando pela primeira vez desembarquei em Cabo Verde, foi ela quem me recebeu, com seu sorriso aberto, com um abraço no qual eu sempre coube inteira e, a partir desse dia, dela me tornei sua “filha brasileira” e meu filho, seu neto. É com repetida emoção, que vejo nossa fotografia compondo as fotos de família expostas na sala de sua casa. Tia Vivina sempre foi um ponto difusor de um grandenexo de cultivo entre mulheres. Feminista, ativista social, presidente e fundadora de uma das maiores organizações não governamentais de Cabo Verde, a Morabi,¹⁴ dedicou sua vida ao fortalecimento das redes femininas, à luta contra as violências de gênero e às melhorias das condições de vida das caboverdianas. A mim, ela abriu seu abraço, seu conhecimento, sua casa, sua família e suas redes.

Agradecimentos

Dedico esse artigo a você, Tia Vivina, uma das grandes mulheres caboverdianas com as quais tive a honra de partilhar a vida e de quem sentirei imensas saudades.

Referências

- Balduino, Paula. 2015. *Matronas afropacíficas: fluxos, territórios e violências. Gênero, etnia e raça na colômbia e no equador*. Tese em Antropologia Social, Universidade de Brasília (UnB).
- Barrow, Christine. 2019. Can there be love in the Caribbean. *Caribbean Review of Gender Studies* 13: 233-66.
- Bledsoe, Caroline, e Papa Sow. 2011. Back to Africa: second chances for the children of West African immigrants. *Journal of Marriage and Family* 73 (4): 747-62. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2011.00843.x>.
- Bloch, Alexia. 2017. *Sex, love, and migration: postsocialism, modernity, and intimacy from Istanbul to the Arctic*. Cornell University Press.
- Cândido, Antonio. 1987. *Os parceiros do Rio Bonito*. Livraria duas Cidades.
- Carsten, Janet. 2014. *A matéria do parentesco*. R@U 6 (2): 103-18. <https://doi.org/10.52426/rau.v6i2.125>.

¹⁴ Morabi – Associação Cabo-verdiana de autopromoção da mulher é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, criada em 1992. Ver: https://www.facebook.com/morabicooperativa/?locale=pt_BR.

- Chamberlain, Mary. 2013. Rethinking Caribbean families: extending the links. In *Gender in Cross-cultural perspective*, organizado por Caroline B. Brettell e Carolyn F. Sargent. Pearson.
- Chodorow, Nancy. 1978. *The reproduction of mothering*. University of Berkeley.
- Collins, Patricia Hill. 2005. Black women and motherhood. In *Motherhood and space. Configurations of maternal through politics, home and the body*, organizado por Sarah Hardy e Caroline Wiedmer. Palgrave MacMillan.
- Collins, Patricia Hill. 2019. *Sobre o pensamento feminista negro. Conhecimento, consciência e a política de empoderamento*. Editora Boitempo.
- Debert, Guita, e Helena Hirata. 2016. Apresentação. *Cadernos Pagu*, 46: 7-15. <https://doi.org/10.1590/18094449201600460007>.
- Ehrenreich, Barbara, e Arlie Russell Hochschild. 2002 Introduction. In *Global woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy*, organizado por Barbara Ehrenreich e Arlie R. Hochschild Metropolitan Books.
- Fonseca, Claudia. 2000. Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Editora Ufrgs.
- Fonseca, Claudia. 2002. Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. *Psicologia USP* 13: 49-68. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642002000200005>.
- Fortes, Celeste. 2015. Casa sem homem é um navio à deriva: Cabo Verde, a monoparentalidade e o sonho de uma família nuclear e patriarcal. *Anuário Antropológico* 40 (2): 151-72. <https://doi.org/10.4000/aa.1425>.
- Glenn, Evelyn N., Grace Change, e Linda R. Forcey. 1995. *Mothering: ideology, experience, and agency*. Routledge.
- Hita, Maria Gabriela. 2005. Geração, raça e gênero em casas matriarcais. In *Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*, organizado por Alda Britto da Motta, Eulália Lima Azevedo e Márcia Gomes. Ufba.
- Hutchinson, Carmelita. 1955. Notas preliminares ao estudo da família no Brasil. *Anais da 11ª Reunião Brasileira de Antropologia*. ABA.
- Justino, André Omisilê. 2022. *A Esperança do amanhã: cuidados, carinhos e castigos em uma etnografia com crianças caboverdianas*. Tese em Antropologia Social, Universidade de Brasília (UnB).
- Kunstadter, Peter. 1968. A survey of the consanguine or matrifocal family. *American Anthropologist* 65: 56-66.
- Leach, Edmund. 1974. *Repensando a Antropologia*. Perspectiva.
- Leinaweaver, Jessaca. 2010. Outsourcing care: how peruvian migrants meet transnational family obligations. *Latin American Perspectives* 37 (5): 67-87. <https://doi.org/10.1177/0094582X10380222>.
- Lobo, Andréa. 2001. *Seca, chuva e luta: reconstruindo a paisagem em Cabo Verde*. Dissertação em Antropologia Social, Universidade de Brasília (UnB).
- Lobo, Andréa. 2010. Um filho para duas mães? Notas sobre a maternidade em Cabo Verde. *Revista de Antropologia* 53 (1): 117-45.
- Lobo, Andréa. 2013. Crianças em cena. Sobre mobilidade infantil, família e fluxos migratórios em Cabo Verde. *Ciências Sociais Unisinos* 49 (1): 64-74. <https://doi.org/10.4013/csu.2013.49.1.08>.
- Lobo, Andréa. 2014. *Tão longe tão perto: famílias e "movimentos" na ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. ABA Publicações.
- Lobo, Andréa. 2017. Sobre mulheres fortes e homens ausentes: pensando conjugalidades como processos em Cabo Verde. *Sociedade e cultura* 19 (2): 13-25. <https://doi.org/10.5216/sec.v19i2.48666>.
- Lobo, Andréa, e Vinicius Venancio. 2017. Com parente se negocia? Redes migratórias e o comércio transnacional em Cabo Verde. *Cadernos de Campo* 23: 25-44.
- Lobo, Andréa, e Francisco Miguel. 2020. "Homem é tudo igual!": relações de gênero e economia dos afetos no arquipélago de Cabo Verde, África. *Anuário Antropológico* I: 192-212. <https://doi.org/10.4000/aa.4963>.
- Lobo, Andréa. 2021. Entre a casa e o mundo. Pertencimentos e mobilidade na sociedade cabo-verdiana. *Revista Lusotopie* 19 (2): 285-313. <https://doi.org/10.1163/17683084-12341756>.
- Lobo, Andréa, e Vinicius Venancio. 2024. A pobreza em Cabo Verde é feminina? Gênero, raça e políticas familiares em contextos matricentros. *Afro-Ásia* 69: 9-44.
- Macedo, Márcia dos S. 2008. Mulheres chefes de família e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. *Caderno CRH* 21(53): 389-404. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v21i53.18975>.
- Marcelin, Louis Herns. 1996. *A invenção da família afro-americana. Família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil*. Tese em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Martins, Felipe, e Celeste Fortes. 2011. Para além da crise. Jovens, mulheres e relações familiares em Cabo Verde. *(Con)textos. Revista d'antropologia i investigació social* 5: 13-29.
- Monagan, Alfrieta P. 1985. Rethinking matrifocality. *Phylon* 46 (4): 353-62. <https://doi.org/10.2307/274875>.
- Oyèwùmí, Oyèronké. 2000. Family bonds/conceptual binds: African notes on feminist epistemologies. *signs* 25 (4): 1093-8. <https://doi.org/10.1086/495526>.
- Oyèwùmí, Oyèronké. 2015. *What gender is motherhood? Changing Yorùbá ideals of power, procreation, and identity in the age of modernity*. Palgrave MacMillan.
- Needham, Rodney. 1971. Remarks on the analysis of kinship and marriage. In *Rethinking kinship and marriage*, organizado por R. Needham. Tavistock.
- Parreñas, Rhacel S. 2005. *Children of global migration: transnational families and gendered woes*. Stanford University Press.

Rodrigues, Isabel P. 2007. As mães e os seus filhos dentro da plasticidade parental: reconsiderando o patriarcado na teoria e na prática. In *Gênero e migrações cabo-verdianas*, organizado por Marzia Grassi e Iolanda Evora. Imprensa de Ciências Sociais.

Sahlins, Marshall. 2013. *What kinship is.. and is not*. The University of Chicago Press.

Schmalzbauer, Leah. 2004. Searching for wages and mothering from Afar: the case of honduran transnational families. *Journal of Marriage and Family* 66 (5): 1317-31. <https://doi.org/10.1111/j.0022-2445.2004.00095.x>.

Scott, Parry. 2011. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. In *Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades*, organizado por Parry Scott. Ed. da Ufpe.

Schneider, David M. 1972. What is kinship all about? In *Kinship studies in the Morgan centennial year*, organizado por Priscila Reining. Anthropological Society of Washington.

Smith, Raymond T. 1996. *The matrifocal family: power, pluralism and politics*. Routledge.

Solien, Nancie L. 1965. The consanguineal household and matrifocality. *American anthropologist* 67 (6): 1541-49. <https://doi.org/10.1525/aa.1965.67.6.02a00250>.

Walks, Michelle. 2011. *An Anthropology of mothering*. Demeter Press.

Willems, Emilio. 1954. A estrutura da família brasileira. *Sociologia* 16 (4): 327-40.

Woortmann, Klaas. 1987. A família das mulheres. Tempo Brasileiro.

Woortmann, Klaas, e Ellen F. Woortmann. 2004. *Mono-parentalidade e chefia feminina: conceitos, contextos e circunstâncias*. Serie Antropologia. UNB.

Venancio, Vinicius. 2024. *Nu bem djobi vida li: mobilidades, pertencimentos e tensões da antinegitude na vida de mulheres da África continental residentes na capital cabo-verdiana*. Tese em Antropologia Social, Universidade de Brasília (UnB).

Andrea Lobo

Doutora e mestra em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil. Professora do departamento de Antropologia na mesma instituição.

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.